

A man with a beard and dark hair is working in a workshop. He is wearing a dark long-sleeved shirt and is focused on a small, light-colored object he is holding with two thin metal rods. The workshop is dimly lit, with a large, circular, intricate sculpture made of many thin, curved lines in the background. The sculpture has a complex, organic form. The overall atmosphere is one of concentration and craftsmanship.

**O FIM DO MUNDO NO
PALCO DAS MARIONETAS
APOCALIPSES, ORÁCULOS
e RECOMEÇOS NO FIMFA LX23**

CATARINA FIRMO

**SINAIS DE CENA III.2
DEZEMBRO DE 2023**

*Plus tard, il sera trop tard.
Notre vie c'est maintenant.*
Jacques Prévert

Entre 18 de maio e 4 de junho, o FIMFA Lx23 voltou a multiplicar os palcos de marionetas em Lisboa, partindo do micro para o macro e de uma constatação sem surpresas para as formas animadas: o mundo virado ao contrário. Numa edição que trouxe como pano de fundo alguns cenários de apocalipse, as marionetas e as matérias animadas resistiram e apelaram à ação. Com o habitual ambiente de humor e festa, os palcos do FIMFA acolheram-nos com uma boa dose de *nonsense* polvilhada de poesia e encantamento. Perante o fim do mundo, as marionetas lançaram-nos algumas coordenadas, num panorama de formas animadas de diferentes dimensões e estéticas que deu um foco especial às miniaturas e às pequenas escalas. Reparar no minúsculo e regressar aos elementos primordiais foram algumas hipóteses de caminhos.

BACK TO BASICS NARRATIVAS DE BARRO, SOMBRA E LUZ

GÉOLOGIE D'UNE FABLE COLLECTIF KAHRABA

ENCENAÇÃO, INTERPRETAÇÃO, DRAMATURGIA E CENOGRAFIA:

Éric Deniaud, Aurélien Zouki

UNIVERSO SONORO: Emmanuel Zouki

DESENHO DE LUZ E DIREÇÃO TÉCNICA: Tamara Badreddine

*J'ai donc parcouru le chemin du monde
qui, de l'argile à l'or, va
d'une mer à l'autre, relie l'entière Terre.*

Hélène Dorion

No princípio era o barro. Dos elementos minerais surgiram as primeiras histórias, gravadas em rochas e moldadas com argila, delineadas com ossos, vegetais e pigmentos. O primeiro ato de narrar impulsionado pelo imaginário terá surgido a partir da transformação, erosão e permanência dos materiais. No espetáculo *Géologie d'une fable*, a companhia libanesa Collectif Kahraba propõe-nos uma viagem no tempo, revisitando as narrativas ancestrais das fábulas persas reescritas mais tarde por Esopo, La Fontaine e Marie de France. Entre narração, canto e dança, Aurélien Zouki e Éric Deniaud vão moldando e esculpindo as personagens numa mesa e desenhando paisagens numa tela iluminada e coberta de barro. Uma criação que nos transporta para um lugar de origem sem fronteiras, despertando os sentidos para as dimensões mais inatas do imaginário: dar forma ao informe, transformar a matéria, fixar traços, figuras e percepções.



Compondo o universo sonoro com ambientes e excertos musicais recolhidos nas suas viagens, Emmanuel Zouki possibilita uma experiência de travessia por diversos lugares do mundo: o canto dos pássaros, canções tradicionais etíopes, o som do vento nas montanhas chilenas, o som das tempestades na Coreia e canções camponesas vietnamitas abrem espaços de escuta e de deambulação.

A transformação da matéria foca os imprevistos das histórias, a possibilidade de narrar memórias coletivas com o gesto de desviar a narrativa, apagar, reescrever, deixar em branco. Nesse gesto de suspensão, surgem momentos em que o narrador é forçado a tomar decisões e intervir na história: encorajar a tartaruga para que ela ganhe a corrida contra a lebre; decidir o que fazer perante sapos que se multiplicam vindos de diferentes fábulas: beijá-los a todos para que se transformem em príncipes ou deslocá-los entre pântanos e poços?

As fábulas mostram as transformações da natureza pela mutação da matéria esculpida: um pedaço de barro entre duas mãos começa a história de um ovo a eclodir. Uma árvore é derrubada com a força da tempestade e na mesa de barro criam-se sulcos para gravar raízes e caudais de água. São histórias sobre as forças da natureza em revolta, sobre lutas de poder: "C'est l'histoire d'un arbre qui se croyait plus fort que tous".



LLUM

CIE NYASH

CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO: Caroline Cornélis, Frédéric Vannes

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA: Marielle Morales

MÚSICA: Claire Goldfarb PIANO: Jean Jadin

TEXTO E VOZ: Laurence Vielle DESENHO DE LUZ: Frédéric Vannes

CENOGRAFIA: Anne Mortiaux FIGURINOS: Aline Breucker

COPRODUÇÃO: Charleroi Danse, Centre Chorégraphique de Wallonie-Bruxelles

TÉCNICA: Luz, sombras, dança

*A sombra sempre volta, trazida pelo sol, como um anel
que procura o dedo ou um abrigo viajando rumo ao corpo.*

Eduardo Galeano

Luz e lume são palavras da mesma raiz, derivadas do adjetivo grego *leukos*: claro, brilhante. O espetáculo Llum da companhia Nyash parte desse jogo de sentidos numa viagem poética entre a bailarina Caroline Cornélis e o manipulador de luzes Frédéric Vannes. Através da luz, explorada enquanto iluminação e chama, fonte de claridade e de calor, o corpo descobre novos contornos, limites a atravessar, meios para ampliar ou reduzir as formas.

A palavra luz é nomeada em várias línguas: *haskalah - leukos - lucus - phös - phainô - phêmi - lux - lucis - lumen - luminis - licht - aufklärung - light - luce - lumi - illuminismo - lys - luz - luces - licht - svet - mwanga - lucere - lustrare - luna - lumière - Llum*. As diferentes musicalidades da palavra e as *nuances* da voz articulam-se com as possibilidades de modificar o ambiente da luz, o seu foco, a sua distribuição e intensidade: a luz com uma voz sussurrada, rouca, em eco. Várias perguntas sobre a luz são dirigidas às crianças: Preferes o dia ou a noite? Acendes uma luzinha para dormir? Já viste uma luz negra? Já viste uma noite branca?



LLUM, CIE NYASH. [F] ALICE KHOL.

Algumas crianças da plateia respondem. A verdade é que a luz e a sombra são bem conhecidas por todas elas; são duas companheiras presentes nos esconderijos e abrigos que ajudam a caçar monstros, pregar sustos e espreitar o inquietante. Mas as atmosferas sensoriais desembocam em lugares que não se restringem ao imaginário da infância. As perguntas ressoam, desafiando qualquer um de nós a refletir sobre as sombras que transportamos connosco, sobre os caminhos onde encontramos ainda encantamento e brilho e como nos relacionamos com a claridade e a penumbra.

REPARAR NO TEMPO RENOVAR AS EXPERIÊNCIAS

ARQUIVO ZOMBIE

TEATRO DE FERRO

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Igor Gandra, Carla Veloso

REALIZAÇÃO PLÁSTICA: Eduardo Mendes, Hernâni Miranda

TEXTO (EXCERTO): Regina Guimarães INTERPRETAÇÃO: Carla Veloso,

Catarina Chora, Eduardo Mendes, Igor Gandra, Mariana Lamego

VÍDEO: Carlota Gandra DESENHO DE LUZ: Teatro de Ferro, Mariana Figueroa

SONOPLASTIA: Teatro de Ferro

COPRODUÇÃO: Programa Cultura em Expansão da Câmara Municipal do Porto

*Retrouve ta mémoire, retrouve ta mémoire...
Ce qui est loin peut être proche. Ce qui flétri reverdit.
Ce qui est séparé se réunit. Ce qui n'est plus reviendra.*

Eugène Ionesco

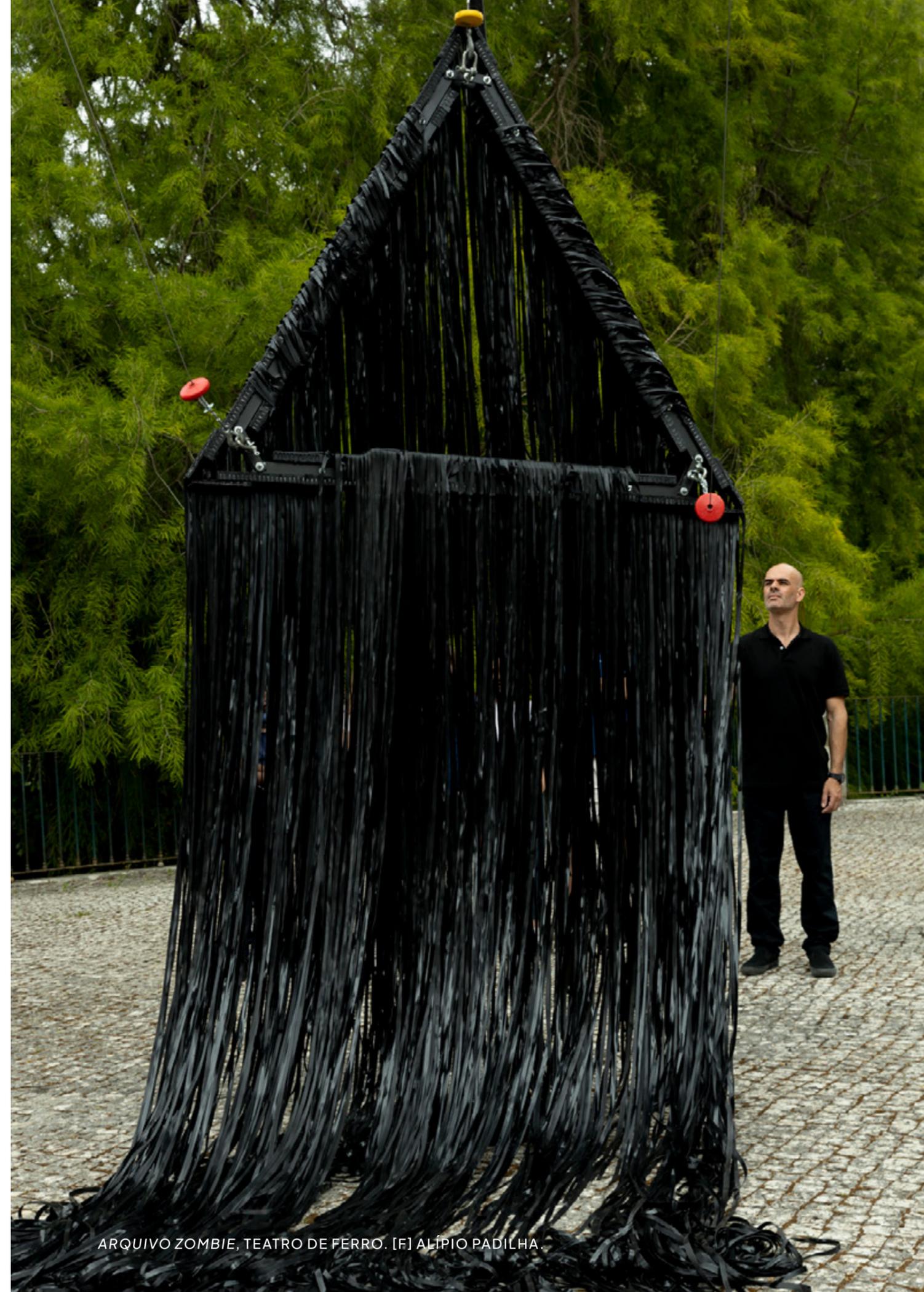
As memórias cruzam lugares e experiências em linhas anacrônicas, ligadas pela rebeldia dos afetos e do imaginário. As experiências recordadas encontram espaços inesperados, reanimados com doses desequilibradas de melancolia e estranheza, estímulos novos e sensações do passado. O Teatro de Ferro transporta um álbum de memórias de duas décadas e propõe reativar o passado com o espetáculo *Arquivo Zombie*, dando continuidade ao exercício arqueológico proposto em *A revolta dos objetos: Uma conferência animada*, onde já sentimos o tom de balanço e a necessidade de traçar um itinerário possível, com criações anteriores da companhia. Com estreia no Porto em 2022, a instalação-performance *Arquivo Zombie* rumou ao

FIMFA Lx23 para encontrar no Museu Nacional do Teatro e da Dança um novo espaço de partilha. Durante a visita guiada, percorremos as criações do Teatro de Ferro, entre 2000 e 2021, onde as histórias são contadas com a ajuda de uma coleção de criaturas, máquinas de cena, esculturas cinéticas e outras coisas difíceis de catalogar.

No início da visita, encontramos uma seara sintética em movimento num caminho de ferro, evocando, entre outras criações, *Viagem a Konostrov*, o primeiro espetáculo da companhia. Rapidamente a ação mecânica nos transporta para a força do vento. Ficamos a conhecer algumas das inspirações para a seara sintética, entre as quais as paisagens do filme *Terra*, de Alexandr Dovzhenko. Outra inspiração surgiu com a imagem das ervas daninhas que crescem nos carris; a matéria a representar a força da natureza indócil.

Arquivo Zombie guia-nos através de diferentes salas, estendendo correntes de ar nos espaços do passado. A reanimação dos objetos passa por explorar o máximo de efeitos a partir dos mecanismos mais simples. Numa das salas, recorda-se o espetáculo *Marionetas Tradicionais de um País que não existe*, onde ramos resgatados de uma poda de árvores num cemitério do Porto se tornam matérias autónomas; são agora pêndulos, varinhas mágicas, armas de duelo.

Um conjunto de silhuetas de espectadores num painel é um dos *souvenirs* do espetáculo *Objeto Encontrado Perdido*, uma plateia que continuou a acompanhar o Teatro de Ferro nos ensaios das criações que se seguiram. Um dos estímulos para *Objeto Encontrado Perdido* surgiu a partir da ideia de “Objet trouvé” proposta em 1927 pelo pintor surrealista Yves Tanguy, depois de um passeio no Marché aux Pucés. Oito anos depois, André Breton e Alberto Giacometti passeavam no mesmo mercado num sábado de maio, desafiando-se a encontrar



ARQUIVO ZOMBIE, TEATRO DE FERRO. [F] ALÍPIO PADILHA.



ARQUIVO ZOMBIE, TEATRO DE FERRO. [F] ALÍPIO PADILHA.

exemplos de “objets trouvés”, objetos de desejo escolhidos para a Exposition Surréaliste d’Objets. *Arquivo Zombie* recupera a intenção dos objetos *Nómadas* de Breton e Giacometti; objetos de diferentes espetáculos convivem numa colisão de memórias. Durante uma hora percorremos vinte anos do Teatro de Ferro, onde os criadores sacodem o pó das coisas guardadas, deixando a matéria do passado respirar e encontrar caminhos novos. Como as ervas indomáveis que crescem entre os carris dos caminhos-de-ferro.

50 WAYS TO LEAVE YOUR LOVER

DIMANCHE

CIE FOCUS & CIE CHALIWATÉ

CRIAÇÃO E ENCENAÇÃO: Julie Tenret, Sicaire Durieux, Sandrine Heyraud

INTERPRETAÇÃO: Julie Tenret, Sicaire Durieux, Sandrine Heyraud, Thomas Dechaufour, Shantala Pèpe, Christine Heyraud, Julie Dacquin, Sophie Leso

MARIONETAS: Waw! Studios, Joachim Jannin, Jean-Raymond Brassinne

ASSISTÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE MARIONETAS: Emmanuel Chessa,

Aurélie Deloche, Gaëlle Marras CENOGRAFIA: Zoé Tenret

CONSTRUÇÃO DA CENOGRAFIA: Zoe Tenret, Bruno Mortaignie (LS Diffusion),

Sebastien Boucherit, Sebastien Munck OLHAR EXTERIOR: Alana Osbourne

DESENHO DE LUZES: Guillaume Toussaint Fromentin

DESENHO DE SOM: Brice Cannavo

VÍDEO E DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: Tristan Galand FIGURINOS: Fanny Boizard

DIREÇÃO TÉCNICA: Leonard Clarys

Just slip out the back, jack

Make a new plan, stan

You don't need to be coy, roy

Just get yourself free

Paul Simon

No ano de 2020, em plena pandemia, uma filósofa e um engenheiro agrônomo em França decidem escrever um livro que nos alerta para uma possibilidade esquecida: evitar o fim do mundo. Em *Le pire n'est pas certain: Un essai contre l'aveuglement catastrophique*, Catherine e Raphaël Larrère propõem uma nova bagagem contra o discurso da sideração. A mensagem do livro tece cumplicidades com a proposta

do espetáculo *Dimanche*. Ambos apelam para pararmos de preparar as catástrofes ajustadas à nossa rotina.

Uma carrinha avança no meio da neve ao som de “50 ways to leave your lover” de Paul Simon. A leveza da canção *country pop* a celebrar o momento de rutura amorosa surge como prelúdio de outros finais mais trágicos. Dentro da carrinha, há uma equipa de repórteres que enfrenta as hostilidades meteorológicas para filmar em direto do Pólo Norte o cenário apocalíptico das alterações climáticas e as últimas espécies de animais sobreviventes na Terra. As companhias belgas Focus e Chaliwaté juntaram-se para pôr em cena o absurdo do fim do mundo e a passividade obstinada dos seus habitantes. O cadáver de um flamingo aterra em plena sala de estar num domingo de família canicular, onde os esforços se multiplicam para cumprir os planos do almoço habitual. Multiplicam-se também as ventoinhas, fecham-se as janelas, prepara-se uma refeição copiosa e acendem-se velas para que a vida e os rituais continuem, apesar dos sobressaltos. Um casal toma o pequeno-almoço na sala a assistir com indiferença à reportagem entre dois desenhos animados: o *cameraman* morre ao cair de um bloco de gelo derretido, uma mãe urso polar é separada da sua cria levada à deriva.

Há uma outra música que facilmente nos chega à memória, vinda do final dos anos 90, com os R.E.M. a parodiarem um fim do mundo repleto de cinismo: “Offer me solutions, offer me alternatives/And I decline/It's the end of the world as we know it/And I feel fine”. Os dois jornalistas prosseguem as filmagens e o casal na sala de estar prossegue o seu quotidiano, apesar das imagens que continuam a passar na televisão, da morte da avó eletrocutada, de um tornado que vira tudo de pernas para o ar, de um tsunami que deixa a casa submersa. Com peixes a nadar em volta da casa, o relógio continua





DIMANCHE, CIE FOCUS & CIE CHALIWATÉ. [F] ALICE PIEMME.

a rodar no seu *tic tac* imperturbável. O movimento pendular do relógio alerta-nos para um conjunto de tempos desajustados: a urgência perante o descontrolo das forças da natureza e a passividade do ritmo quotidiano pautado pela necessidade de conforto e repouso de um domingo em família. As marionetas hiper-realistas em contraponto com os atores, objetos de cena e imagens em vídeo compõem uma esfera de contrastes e semelhanças entre a distopia e a realidade.

O humor constante, a ausência de palavras, o recurso aos jogos de escala e efeitos visuais são elementos que nutrem o tom onírico, o espaço de subjetividade e interrogação; trata-se de um espetáculo que arrebatava consciências sem ceder ao didatismo e à culpabilização moralizante. Longe dos discursos derrotistas, *Dimanche* incita à ação, através do *nonsense* e do riso, do trágico e do rocambolesco. Um fim do mundo que não abdica da poesia e do riso; um manifesto com uma nota de encantamento. Caricaturar o fim do mundo é, acima de tudo, uma forma de rejeitar o seu absurdo. ❄️